

Proposta de categorização para análise da percepção corporal

Wellington Segheto, Kátia Josiany Segheto, Claudia Borim da Silva, Eliane Florencio Gama

O estudo da percepção corporal vem recebendo destaque na literatura, independente da maneira como são conduzidas as pesquisas, ou seja, como componente perceptivo da imagem corporal (Arroyo, Gonzáles-de-Suso, Sanchez, Ansotegui, Rocandio, 2008; Campana & Tavares, 2009) ou como componente neurológico relacionado á atividade motora (Pereira, Segheto, Thurm & Gama, 2010; Gama, Dantas, Almeida, Thurm, 2009; W. Segheto, K. J. Segheto, Pereira, Fonseca, Thurm & Gama, 2010;). Diversos instrumentos são descritos para avaliar a percepção corporal, dentre eles destaca-se o *Image Marking Procedure*, proposto por Askevold (Campana & Tavares, 2009) e utilizado em diversos trabalhos (Gama et al., 2009, Pereira et al, 2010, Segheto et al, 2010). Ao analisar trabalhos que utilizaram o *Image Marking Procedure*, observa-se que os resultados são analisados tendo como base três categorias, ou seja: hipoesquematia (valores inferiores a 100%), normais (valores iguais a 100%) e hiperesquematia (valores superiores a 100%). Percebe-se, nesta categorização, uma grande margem de variação para indivíduos hipoesquemáticos e hiperesquemáticos, sendo que para aqueles considerados normais há apenas um valor, ou seja, 100% de percepção corporal. A análise dos resultados de diversos trabalhos publicados, dentre eles estudos realizados pela equipe do Laboratório de Percepção Corporal da Universidade São Judas Tadeu (Fonseca, 2008; Neto, 2009; Pereira et al, 2009; Segheto et al, 2010; Thurm, 2007), demonstraram que a categorização, com estes valores de referencia indica distorções na percepção corporal em todos os indivíduos avaliados, ou seja, em nenhum dos estudos observou-se, pelo menos, um único indivíduo com 100% de percepção corporal. Esses resultados demonstraram a rigidez deste critério e nos permitiu questionar sua utilização para determinação de alterações na percepção corporal, visto que ele parte do pressuposto que uma percepção corporal normal é, praticamente,

impossível de ser encontrada. Além disso, Campana e Tavares (2009), destacam que, em estudos exploratórios, “a busca por conhecer e descrever os traços de um grupo ou de uma população específica dirigem-se à resolução de uma questão ainda sem resposta: o padrão de normalidade” (p. 50). Nota-se, diante do exposto, uma necessidade de reformulação dos parâmetros de categorização da percepção corporal, adequando os valores a realidade. Sabe-se que alterações na percepção corporal não é uma característica predominante, em toda a população, como as observadas quando a categorização é realizada tendo como base apenas um valor de referência para determinar uma percepção normal. Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo propor uma nova forma de categorização da percepção corporal em indivíduos adultos, levando em consideração a distribuição dos resultados em percentis. Para avaliação da percepção corporal, utilizou-se o Image Marking Procedure descrito por Askevold (1975, citado por Campana & Tavares, 2009). Este teste consiste em avaliar a percepção do indivíduo quanto a altura da cabeça, largura dos ombros, cintura e quadris. O avaliado posicionou-se em frente a uma plataforma e os pontos, citados anteriormente, foram tocados pelo avaliador. O avaliado deveria projetar, na plataforma, a percepção destes pontos. Realizaram-se três tentativas e calculou-se a média para determinar a percepção do indivíduo. Após esta etapa, aproximou-se o avaliado à plataforma para marcação das suas medidas reais. Com base nessas medidas o Índice de Percepção Corporal foi calculado a partir da seguinte fórmula: (média das 3 tentativas para o tamanho percebido/tamanho real) x 100. Os dados foram coletados pelo mesmo avaliador, com treinamento anterior para aplicação dos instrumentos, permitindo uma uniformidade nos procedimentos. A amostra foi formada por 52 indivíduos com média de idade de 22,9±4,85 anos, sendo 20 do sexo masculino (23±7,30 anos) e 32 do sexo feminino (22,9±3,19 anos). Não houve diferença significativa entre os grupos quanto à idade (p=0,472). Os participantes concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contendo objetivo do estudo, procedimentos de avaliação e caráter de voluntariedade de participação. Para a análise dos dados, a percepção corporal foi categorizada realizando a distribuição das médias em percentis,

sendo adotados valores de referência para classificar como percepção corporal normal o intervalo entre o primeiro quartil e o terceiro quartil. A partir deste intervalo, delimitaram-se os parâmetros para a hipoesquematia, aqueles com valores inferiores ao primeiro quartil, e para a hiperesquematia, aqueles com valores superiores ao terceiro quartil. Foram aplicadas técnicas de estatística descritiva para caracterizar e conhecer a distribuição da amostra. Em seguida, os dados foram submetidos ao teste de normalidade de *Kolmogorov-Smirnov*. Todas as variáveis seguiram uma distribuição normal e atenderam ao pressuposto de homogeneidade das variâncias. Os dados foram comparados por análise de variância (ANOVA) para medidas repetidas, seguido do teste de *Bonferroni* como *post-hoc*, sendo adotado nível de significância de $p \leq 0,05$. Foi utilizado o programa *Statistica 7.0*. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade São Judas Tadeu, protocolo nº44/2008, em conformidade com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Baseada na distribuição dos resultados, foram classificados, neste estudo, como hipoesquemáticos os indivíduos com Índice de Percepção Corporal inferior a 99,4%, os de valores iguais ou maiores que 99,4% (primeiro percentil) e menores ou iguais a 112,3% (terceiro percentil) foram classificados com percepção corporal normal e os valores superiores a 112,3% (terceiro percentil) classificados como hiperesquemáticos. Ao analisar, descritivamente, os dados e a comparação entre as categorias, os resultados indicaram diferenças estatísticas ($F=77,6$ e $p < 0,01$) entre as três categorias, o que reforça a categorização baseada no percentil. Adotando o critério de categorização baseado no percentil, nota-se que, a maioria dos indivíduos, foram classificados com percepção corporal normal, o que deixa a análise mais próxima da realidade. Se os resultados, deste estudo, não levassem em consideração a classificação baseada em percentis teríamos que 71,1% dos avaliados seriam considerados hiperesquemáticos e 28,9% como hipoesquemáticos. Seria este o padrão de normalidade da população no que se refere a percepção corporal? Sabe-se que a percepção corporal influencia e é influenciada por diversos parâmetros, por isso, buscou-se na literatura um critério que determinasse um padrão de normalidade para a percepção

corporal. A única referência encontrada foi aquela, citada anteriormente, que classificava os indivíduos em três categorias, hipoesquemáticos (valores inferiores a 100%), percepção normal (valores iguais a 100%) e hiperesquemáticos (valores superiores a 100%). Este critério foi usado como referência em diversos estudos (Fonseca, 2008; Gama et al, 2009; Pereira et al, 2010; Segheto et al, 2010; Thurm, 2007), porém, ao avaliar os indivíduos com base nesta classificação, observou-se não existir uma acurácia de 100% na percepção do corpo, assim como os dados obtidos neste estudo. Desta forma, se tomarmos como base o critério utilizado nesses trabalhos, jamais encontraríamos indivíduos com 100% de percepção corporal, o que nos levou a sugerir outro parâmetro de classificação. Diante disso, observou-se que a percepção corporal aceitável como normal, neste estudo, variou entre 99,4% a 112,3%. Este padrão de normalidade, tendendo para valores superiores a 100% de percepção corporal, se justifica pelo fato de 75% da amostra apresentar valores acima de 100%. Esta característica pode ser um indicativo de que os valores de referência deveriam ser revistos. Nota-se a necessidade de novos estudos com populações maiores para reforçar os pontos de corte propostos neste trabalho ou para elaborar um novo padrão de normalidade. A rigidez dos critérios determinados e a ausência de parâmetros que aceitem uma margem de variação entre o que é normal e o que pode ser aceito como uma distorção da percepção corporal, fez com que fosse criado um critério com bases matemáticas, para este estudo. Desta forma, os valores encontrados foram distribuídos em percentis no qual os extremos representariam as possíveis distorções da percepção corporal (hipoesquemáticos e hiperesquemáticos). Sabe-se que este trabalho não esgota a questão e nem tem a pretensão de se colocar como um parâmetro de referência para qualquer população, porém, a proximidade com a realidade de que sempre haverá uma variação em torno dos 100% esperados, torna o critério adotado, neste estudo, mais factível. Parece evidente que a divisão em três categorias com valor de referência único é limitada quanto a realidade da percepção corporal real dos indivíduos.

Referências

Arroyo, M., Gonzáles-de-Suso, J. M., Sanchez, C., Ansotegul, L., Rocandio, A. M. (2008). Body Image and Body Composition. *Comparisons of Young male elite soccer players and controls. International Journal of Sport Nutrition. and Exercise Metabolism*, 18(6), 628-638.

Campana, A.N.N.B. & Tavares, M. da C.G.C.F. (2009). *Avaliação da Imagem Corporal*. São Paulo: Editora Phorte.

Fonseca, C.C. (2008). *Análise do esquema corporal e imagem corporal na dança de salão e seus aspectos motivacionais*. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil.

Gama, E.F., Dantas, D.B., Almeida, E.T. & Thurm, B.E. (2009). Influência da natação na percepção corporal. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 17(2),1-18.

Neto, A.R.(2009). *Avaliação da Imagem Corporal, Esquema Corporal e Destreza Manual em Adolescentes Deficientes Visuais*. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil.

Pereira, E.S., Segheto, K.J., Thurm, B.E., Gama, E.F. (2010). Body schema analysis between Yoga e Body Combat practitioners. *The FIEP Bulletin*, 80(1), 494-498.

Segheto, W., Segheto, K.J., Pereira, E.S., Fonseca, C. da C., Thurm, B.E. & Gama, E.F. (2010, março). Esquema corporal em mulheres idosas. Anais em Cd room do Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, Passo Fundo, RS, Brasil, 1p..

Thurm, B.E. (2007). *Efeitos da dor crônica em atletas de alto rendimento em relação ao esquema corporal, agilidade psicomotora e estados de humor*. 2007. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil.